

meu
amigo

my
friend

OBRAS E DOCUMENTOS
DA COLEÇÃO

WORKS AND
DOCUMENTS FROM

Ernesto de Sousa
(1921 — 1988)

COLLECTION

ORGANIZAÇÃO ORGANIZED BY ISABEL ALVES

MNAC

ABERTURA OPENING

18.05

15h — 18h

19.05. — 26.09.2021

NOTA DE IMPRENSA

EXPOSIÇÃO

Meu Amigo — Obras e Documentos da Coleção Ernesto de Sousa (1921–1988)

De 18 de maio a 26 de setembro de 2021 no Museu Nacional de Arte Contemporânea.

Cerca de 124 obras, de 62 artistas: pintura, desenho, gravura, escultura, fotografia, objetos e documentação diversa.

APRESENTAÇÃO

Esta exposição integra-se no conjunto de eventos ligados à comemoração do centenário do nascimento de Ernesto de Sousa, à qual o Museu Nacional de Arte Contemporânea se quis associar, homenageando, assim, uma das mais relevantes personalidades da contemporaneidade portuguesa, cuja influência continua a ser atuante.

Projeto organizado por Isabel Alves, que se tem dedicado à preservação e divulgação do legado do artista. A exposição efetua o cruzamento entre documentação (correspondência, publicações, projetos) e as obras de arte que foram oferecidas a Ernesto de Sousa, ao longo da vida, por alguns dos mais relevantes artistas nacionais e internacionais, entre as décadas de 40 e 80 do século XX.

Este diálogo entre o documental e a obra de arte permitirá, assim, construir um itinerário multifacetado e heterogéneo do seu percurso estético e das suas afinidades, reafirmando o caráter de colaboração que sempre norteou a sua ação como “operador estético”.

Do neorrealismo à década de 80, de Almada Negreiros a Wolf Vostell, do cinema ao mixed-media, da arte popular à *Alternativa Zero*, são apenas alguns exemplos de uma vasta rede de formas de intervenção artística, de cumplicidades e de reinvenção da arte e da vida, como o próprio sempre defendeu. Ernesto de Sousa foi, também, decisivo para a internacionalização da arte e dos artistas portugueses, ao mesmo tempo que manteve uma atualização e divulgação permanente do panorama artístico internacional.

A referência estética, artística e histórica da sua obra continua a ser atuante e atual, inspirando novas gerações de vários quadrantes, reafirmando o caráter inovador e contemporâneo do seu legado.

Emília Tavares [CURADORA MNAC]

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA EM 7 NÚCLEOS

Meu Amigo

Anos 70 — Arte e Revolução

Neorrealismo — Uma Estética de Oposição

Almada, um nome de Guerra

Fluxus e as Vanguardas Internacionais — Aproximar a Arte e a Vida

Catálogo da Alternativa Zero, 1977

Anos 80 e 90 — Ser Moderno em Portugal

MEU AMIGO

Este primeiro núcleo da exposição congrega uma possível síntese dos períodos artísticos e das correntes estéticas que foram determinantes ao longo da vida de Ernesto de Sousa.

A obra de Helena Almeida — *Meu Amigo*, que dá título a esta exposição, simboliza a partilha e companheirismo artístico que pontuou toda a sua vida.

A sua atividade estética, histórica e crítica desenvolveu-se desde o neorrealismo às mais revolucionárias neo-vanguardas da década de 60 e 70, incluindo os alvares da pós-modernidade e os estudos de referência sobre a escultura popular. Sem esquecer a atualidade e a internacionalização de todo o seu percurso.

As ações e projetos de arte que concretizou foram marcadas sempre por múltiplas relações de cumplicidade criativa, bem manifestas na multiplicidade e representatividade das obras da sua coleção, aqui expostas.

Estes artistas e estas obras, constituem uma emotiva e estética ressonância do percurso ímpar de Ernesto de Sousa, e permitem-nos também um olhar retrospectivo sobre o panorama da arte portuguesa contemporânea e do seu contexto internacional. [E.T.]

“Dedico o texto o frio o sol aos meus velhos amigos e aos amigos-novos. Alguns velhos amigos são muito recentes. Amigos, temos opiniões diferentes e nada disso tem que ver com amizade. Quanto aos amigos-novos, eu só sei que sou contra a inquisição. Se se dizem amigos que o sejam, o amor, a amizade têm que se a-re-provar- na prática.”

Ernesto de Sousa. O seu a seu tempo — amigos e inimigos”. In *Opção*, nº 110, 1 de junho de 1978.

ANOS 70 — ARTE E REVOLUÇÃO

A Revolução de 25 de Abril de 1974 foi decisiva para a cisão com a estética oficial, que o regime ditatorial impusera durante 4 décadas.

Ernesto de Sousa esteve na vanguarda do exercício desta nova liberdade criativa, através da sua atividade artística, curatorial, crítica e pedagógica.

O seu contributo para o entendimento das novas linguagens artísticas que vieram introduzir uma rutura estética, também ela revolucionária, com o Modernismo recente, foi decisivo para o desenvolvimento da Contemporaneidade portuguesa.

A sua atividade como crítico de arte e como curador foi fundamental para o entendimento e a divulgação nacional e internacional, de alguns dos mais relevantes artistas que se afirmaram neste período.

Poesia visual, mixed-media, happening, performance, objetualidade, instalações, são muitas as propostas que irão determinar outro rumo na arte portuguesa, acompanhando o contexto artístico internacional. [E.T.]

“A verdadeira vanguarda é uma descoberta original e necessária sobre o presente — mas essa descoberta assenta numa cultura e num entendimento do mundo que é necessário conhecer e estudar. Agora e aqui.”

Ernesto de Sousa, “Da Vanguarda como Necessidade,” In *Vida Mundial*, nº1834, 7 de novembro de 1974.

NEORREALISMO — UMA ESTÉTICA DE OPOSIÇÃO

O interesse e a ligação de Ernesto de Sousa ao movimento neorrealista português foi também um envolvimento político. A sua adesão, em 1946, ao Movimento de Unidade Democrática juvenil (MUDJuvenil) bem como a sua amizade com Júlio Pomar, Lima de Freitas ou Manuel Ribeiro de Pavia, serão determinantes para uma adesão estética e política ao movimento.

No pós-guerra, o movimento neorrealista ficaria associado às principais forças de oposição política ao regime do Estado Novo, e é neste ambiente que Ernesto de Sousa desenvolverá a sua atividade como crítico e historiador de arte, com realce para a sua participação na revista *Seara Nova*, tendo publicado dezenas de artigos e efetuado estudos sobre as obras dos principais artistas neorrealistas. Datam também, deste período, o início dos inovadores estudos relacionais sobre a escultura portuguesa erudita e popular, consagrando à sua documentação fotográfica e fílmica uma dimensão fenomenológica, mais tarde reunidos na publicação *Para o Estudo da Escultura Portuguesa* (1965).

Em 1962, realiza o filme *Dom Roberto* (1962) com diálogos seus, a partir da novela de Leão Penedo, premiado em 1963 em Cannes, e que constitui um marco do novo cinema português. [E.T.]

“Nós admitimos que a obra de arte é o reflexo das lutas e necessidades dos homens, mas esquecemo-nos por vezes que, como obra de pensamento, ela intervém e modifica de certo modo, essas necessidades e lutas.”
Ernesto de Sousa. “Três pintores do nosso tempo” In *Mundo Literário*, nº 12, 27 de julho de 1946.

ALMADA, UM NOME DE GUERRA

Em 1969, Ernesto de Sousa inicia um conjunto de trabalhos em torno de um dos mais representativos artistas da vanguarda modernista portuguesa, Almada Negreiros (1893-1970), que resultariam no antfilme (segundo o próprio) *Almada, um Nome de Guerra*, e no projeto mixed media, *Nós Não Estamos Algures*, a partir do poema deste autor, *A Invenção do Dia Claro*, apresentado em 1969, no clube Primeiro Acto, em Algés. Com música de Jorge Peixinho e as participações de vários artistas, como Carlos Gentil-Homem, António Borge, Fernando Calhau, Peter Rubin, Marilyn Reynolds, entre outros.

Neste período, estuda e inventaria a obra de Almada Negreiros, cuja influência seria determinante para a sua reflexão sobre a história e o futuro da arte, tendo desenvolvido então o seu trabalho a partir do conceito de “obra aberta” e “operador estético”.

Nele encontrou o interlocutor e o artista privilegiado para debater a modernidade estética em Portugal, cuja obra eclética e vanguardista se tornou nuclear na sua pesquisa e prática artísticas.

Destes estudos e da sua ação, resultaria o resgate, e a vinda para Portugal, dos painéis decorativos realizados por Almada Negreiros, para o hall do Cine Teatro San Carlos, em Madrid, que se julgavam perdidos. [E.T.]

“O Almada Negreiros era-me necessário, é-nos necessário. Não me preocupam muito as bandeiras da vanguarda e da modernidade, embora continue a pensar que só há uma saída, ser “absolutamente moderno”. Mas hoje e aqui, original e originariamente. E isto era *Começar*.”
Ernesto de Sousa. “Chegar depois de todos com Almada Negreiros”. In *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, nº 60, outubro de 1970.

FLUXUS E AS VANGUARDAS INTERNACIONAIS — APROXIMAR A ARTE E A VIDA

O movimento Fluxus e a sua estética e ética de experimentação neo-dadaísta congregava diversas linguagens artísticas desde as artes visuais à música e dança, em que todo o conceito elitista e contemplativo da obra de arte era questionado, pugnando por uma construção colaborativa do objeto artístico e por uma condição artística que devia fundir vida e arte.

A influência e importância deste movimento esteve subjacente a toda a sua atividade neste período, tendo estabelecido contactos com alguns dos seus principais protagonistas, como George Brecht, Ben Vautier, Emmett Williams, e amizade com Robert Filliou e Wolf Vostell. Foi um participante regular dos encontros artísticos realizados por Vostell

no seu museu em Malpartida de Cáceres, como *Voaex*, 1976, ou *SACOM*, 1978-80, curador das representações portuguesas às *SACOM*, bem como o responsável por uma exposição retrospectiva de Vostell em Portugal, em 1979.

“Digamos desde já que Fluxus, (...) é um movimento bem preciso historicamente, e cujo sentido mais geral também não deixa lugar a dúvidas: aproximar a arte e a vida: a actividade estética e as outras acções conscientes ou inconscientes do homem. Esteticizar a vida corrente, e fazer com que as artes-da-acção (performing arts) estejam na base de todo o treino e aprendizagem.”

Ernesto de Sousa. “Fluxus”. In *Opção*, 16 de agosto 1978.

CATÁLOGO DA ALTERNATIVA ZERO, 1977

Já com um considerável percurso curatorial e crítico, e no período cultural efervescente do pós 25 de Abril, Ernesto de Sousa organiza um dos mais importantes eventos artísticos da década — *A Alternativa Zero: Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea* — que decorreu na então Galeria Nacional de Arte Moderna, em Belém.

Para além de uma exposição que reuniu alguns dos mais importantes artistas portugueses, foi projetado todo um vasto programa paralelo que incluiu música, teatro, happenings, tendo contado com a presença do The Living Theatre.

A sua visita à importante *Documenta 5* de Kassel, em 1972, e a cumplicidade de ideias que nela recolheu seriam determinantes para uma mediação entre o panorama internacional e a arte portuguesa.

A *Alternativa Zero* foi, sem dúvida, um ponto de viragem estético-político, entre a herança ditatorial e uma nova era democrática, e local de encontro das mais importantes correntes estéticas na neo-vanguarda portuguesa, que se vinham já desenhando desde a década de 60, ao mesmo tempo que consagrou uma nova geração de artistas. [E.T.]

“*Alternativa Zero* surge como resposta à necessidade profunda de acabar com aquele duplo isolamento (exilados no estrangeiro e exilados-no-seu-próprio-país), combatendo a fórmula salon (e as suas falsas aparências democráticas) por uma perspectiva crítica, eu uma responsabilidade totalmente assumida.”

Ernesto de Sousa. *Catálogo da exposição Alternativa Zero*, Lisboa 1977.

ANOS 80 E 90 – SER MODERNO EM PORTUGAL

Na década de 80, a atividade artística e curatorial de Ernesto de Sousa conhece uma maior internacionalização, ao mesmo tempo que continua a ser um dinamizador relevante no panorama artístico nacional. Os seus projetos continuam uma prática de colaboração e permanente reinvenção artística, congregando tanto a sua geração de artistas como a geração emergente da década de 80.

Como é o caso do projeto *pipxou* caixa de arte com tiragem de 100 exemplares, organizada por Maria Estela Guedes e Fernando Camecelha em que participaram Helena Almeida, Pedro Calapez, Pedro Proença, Rui Castelo Lopes, Xana, José Barrias, Alberto Picco, Carlos Nogueira e muitos outros artistas.

Os seus projetos desta década olhavam, como sempre, o futuro, como foi o caso do projeto *Aldeia Global*, cujo objetivo era a constituição, através de uma rede de computadores, de uma plataforma de comunicação e troca de ideias. [E.T.]

“Dar a mão à palmatória, reconhecer a própria ignorância. Ficar de novo à beira do cutelo, de olhos fechados decididamente à procura de mais uma fenda na muralha. Não é fácil... Mas para inventar um futuro não há outra saída: o futuro só pode ser *performedo*.”

Ernesto de Sousa. “Artes-da-Acção ou Performances”. Comunicação em *Diálogo sobre Arte Contemporânea* (Teatro, Música, Performances), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Acarte, 1985.

ARTISTAS APRESENTADOS

Alberto Carneiro	Irene Buarque	Lima de Freitas
Albuquerque Mendes	Isaia Mabellini (Sarengo)	Manuel Ribeiro de Pavia
Amélia Toledo	Joana Rosa	Marilyn Reynolds
Ana Hatherly	João de Melo	Marina Abramovic
Ana Vieira	João Moniz Pereira	Miranda Justo
Ângelo de Sousa	João Vieira	Noémia Delgado
António Sena	João Vieira	Noronha da Costa
Artur Varela	Jorge de Oliveira	Pedro Cabrita Reis
Bartolomeu Cid dos Santos	Jorge Molder	Pedro Calapez
Carlos Gentil Homem	Jorge Peixinho	Pedro Proença
Clara Menéres	José Barrias	René Bertholo
Costa Pinheiro	José Carvalho	Rober Filliou
E.M. de Melo e Castro	José Conduto	Rosa Ramalho
Ernesto de Sousa	José Luís Da Rocha	Salette Tavares
Estela Guedes	José M. Rodrigues	Seth Rubin
Fernando Azevedo	José Rodrigues	Teresa Tyszkiewicz
Fernando Calhau	Joseph Beuys	Triplov
Franklin Vilas Boas Neto	Julião Sarmiento	Túlia Saldanha
Graça Pereira Coutinho	Júlio Pomar	Wof Vostell
Hansi Stael (von Holstein)	Leonel Moura	Zdzislaw Sosnowski
Helena Almeida	Lieve de Pelsmacker	

ERNESTO DE SOUSA (LISBOA, 1921–1988)

Seguiu o curso de físico-químicas na Faculdade de Ciências de Lisboa e dedicou-se, desde muito jovem, ao estudo da arte e da fotografia. Espírito aberto, polémico, pioneiro em muitas das coisas a que se dedicou, exerceu uma vasta ação no campo artístico: artes visuais, cinema, teatro, jornalismo, rádio, crítica e ensaísmo.

Foi professor, comissário de exposições, um prolífico artista multidisciplinar e um ávido promotor de sinergias entre gerações de artistas da primeira e da segunda metade do século XX.

Na década de sessenta, entrou em contacto com o movimento Fluxus e as neo-vanguardas europeias, travando amizade com Robert Filliou e Wolf Vostell. Este contacto foi uma influência determinante para a reformulação da arte como “obra aberta”, experimental e participativa. Durante esta década, e até aos anos oitenta, organizou cursos, conferências e exposições sobre filme experimental, vídeo arte, performance e happening, promovendo pontos de contacto entre as neo-vanguardas internacionais e o contexto português.

Ao propor a celebração do *Aniversário da Arte* de Robert Filliou (Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 1974), Ernesto de Sousa antecipou a Revolução dos Cravos e contrariou a posição periférica de Portugal na Europa. A exposição *Alternativa Zero* (Galeria Nacional de Arte Moderna, Lisboa, 1977) sintetiza o seu projeto de criação de uma vanguarda portuguesa em diálogo estético e ideológico com as suas congéneres internacionais.

Publicou, desde a década de quarenta, intensamente em revistas e jornais, sendo a sua crítica instrumental para a divulgar em Portugal práticas artísticas experimentais. O seu forte envolvimento no movimento cineclubista, do qual foi fundador em Portugal, foi um contributo para a eclosão do “Novo Cinema” anunciado pela sua única longa-metragem *Dom Roberto* (1962), distinguida com dois prémios no Festival da Cannes em 1963.

Foi comissário da representação portuguesa na Bienal de Veneza em 1980, 1982 e 1984.

Criada em 1992 a *Bolsa Ernesto de Sousa* apoiou, até 2013, vinte jovens artistas na realização de projetos intermedia durante um estágio na Experimental Intermedia Foundation, em Nova Iorque.

FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO

Museu Nacional de Arte Contemporânea

DIRETORA

Emília Ferreira

ORGANIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

Isabel Alves

PRODUÇÃO

Emília Tavares

Sofia Nunes

TEXTOS

Emília Tavares

DOCUMENTAÇÃO

Sofia Nunes

DESIGN GRÁFICO

Francisca José

TIPO DE LETRA «SECRETARIADO»

Pedro Proença

COORDENAÇÃO DA MONTAGEM

Emília Tavares

ASSESSORIA ADMINISTRATIVA

Angelina Pessoa, Sofia Khan

COMUNICAÇÃO

António Chaparreiro

SERVIÇO EDUCATIVO

Hilda Frias

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Alexandra Encarnação (ADF/DGPC)

Helena Nunes

TRANSPORTE E MONTAGEM

Setup

APOIO À MONTAGEM

António Rasteiro (Coordenação/Coordination)

Alberto Gomes, Diogo Branco, Luís Sousa, Maria Cecília Correia

IMPRESSÃO FOTOGRÁFICA

Fine Print

TRADUÇÕES

Kennistranslations

SINALÉTICA

VPrint

SEGUROS

Lusitânia

RECEÇÃO E VIGILÂNCIA

Alberto Gomes, Ana Cláudia Serra, Ana Maria Marques, Diogo Branco, Fátima Madureira, Irene Marques, João Carneiro, Liliana Guedes, Luís Sousa, Maria Cecília Correia, Maria João Pedro, Nuno Neves, Ramiro, Rita Eusébio, Susana Gonçalves, Vítor Pereira.

AGRADECIMENTOS

António Pedro Mendes, Fátima Lopes, Francisca Sousa, Frederico Mendes, Gillian Sneed, José M. Rodrigues, José Manuel Costa Alves, Miguel Mesquita Guimarães, Ricardo Valentim, Rita Lougares.

MNAC

MUSEUARTECONTEMPORANEA.PT

RUA CAPELO, 13. 1200-444 LISBOA TERÇA A DOMINGO 10H – 18H [ENCERRA À SEGUNDA]